



# (RE)EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS



"PELA VIDA DE TODAS  
AS MULHERES"




# APRESENTAÇÃO

A *Campanha pela Vida de Todas as Mulheres* é uma iniciativa da Rede Inaciana de Juventude - MAGIS Brasil que acontece anualmente, durante o mês de março, período em que a agenda dos Direitos Humanos pauta prioritariamente a promoção da vida das mulheres e a luta por seus direitos e por equidade de gênero. A campanha se faz importante, pois gera visibilidade à causa da mulher e proporciona um espaço para dialogar sobre esse assunto com jovens mulheres de diversos lugares do Brasil.

A partir de uma escuta realizada com 16 mulheres de norte a sul do país, ligadas de alguma maneira à Rede Inaciana de Juventude, chegamos à proposta da Campanha neste ano, que teve como tema “*(Re)existências e resistências*” e abordou quatro assuntos transversais ao longo das semanas do mês de março: **1) Mulheres no mercado de trabalho; 2) Mulheres e justiça climática; 3) Mulheres nos espaços políticos; e 4) Mulheres nos espaços eclesiais.**

Neste subsídio estão compilados os textos que foram produzidos e publicados para embasar as reflexões acerca das temáticas mencionadas, bem como indicações de ações concretas que podem ser adotadas na busca da igualdade de gênero por qualquer pessoa, em qualquer momento do ano.

Por fim, rendemos graças e fazemos memória à vida doada de Evenice Neta, nossa querida companheira Netinha, que nos legou o sonho por justiça e vida em plenitude para todas as juventudes! Pela intercessão de Santo Inácio e seguindo o exemplo de Netinha, possamos, também nós, alargar horizontes de esperança junto a meninas e mulheres das realidades em que nos inserimos, utilizando deste material tanto quanto nos ajude a alcançar o magis e adaptando o que for necessário às necessidades dos tempos, lugares e pessoas com quem somos chamadas e chamados a fazer caminho.



**(RE)EXISTÊNCIAS  
E RESISTÊNCIAS**



"PELA VIDA DE TODAS  
AS MULHERES"

**MULHERES  
NO MERCADO  
DE TRABALHO**

# MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: EXISTÊNCIAS, REEXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Por Bruna Matias e Clarisse Nascimento

Para alguns, falar sobre a mulher no mercado de trabalho é um tabu; para outros, uma libertação, que dá voz a recorrer por aquilo que é seu por direito. Por aqui, muito vamos falar sobre esta temática, perpassando por dados e informações atualizadas sobre o ramo, temas essenciais e que merecem a nossa atenção, como também homenagear mulheres que tanto nos inspiram cotidianamente.

De acordo com dados do 3º trimestre de 2022 da **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)**, do IBGE, a pesquisa nacional mais atualizada que temos acesso sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, 47,9 milhões de mulheres estão inseridas na força de trabalho nacional, enquanto 41,8 milhões de mulheres estão fora dessa força de trabalho. Confira abaixo alguns dados alarmantes:



Dentre a porcentagem das mulheres que estão fora da força de trabalho atualmente, **5,7% são mulheres** que gostariam de trabalhar, mas que desistiram de procurar porque acham que não vão encontrar oportunidades;



O rendimento médio real mensal das mulheres que ocupam a força de trabalho é **21% menor do que o dos homens**, porém, elas ganham salários menores exercendo atividades iguais às de outros homens;



Nos serviços domésticos, as mulheres representam **91% da força de trabalho** do setor e **ganham 20% menos** do que os homens;



**43% das mulheres** alocadas na força de trabalho atual ganham até um salário mínimo.

**Você se identificou com alguns dos dados acima?** Neste caso, estamos falando apenas do mercado profissionalizante, se nos

aprofundarmos na jornada dupla, tripla, quádrupla que as mulheres exercem, a conversa fica ainda mais alarmante.

***E por que não falar sobre esse assunto?*** Esta temática rendeu um forte “burburinho” em novembro de 2023, pois foi tema da redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), mais certamente como “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”.

De acordo com os dados expostos nos primeiros parágrafos, é um fato que a maior parte das mulheres, além de exercerem suas atividades no trabalho, também lida com outras jornadas, como arrumar a casa e cuidar dos filhos. Essa jornada dupla, que muitas vezes é tripla, quádrupla e por aí vai, vem carregada de cobranças sociais e no geral são normalizadas, não sendo reconhecidas pela sociedade como uma forma de trabalho, que demanda muito mais horas do que aquilo que se registra num contrato CLT, por exemplo.

É por isso que muitas, inclusive por conta da exaustão, largam seus trabalhos formais e seguem “apenas” nas jornadas de trabalhos de cuidado. Mas vale lembrar que mesmo assim, as mulheres seguem cuidando do próximo e esquecem de cuidar de si mesmas. Por exemplo, já ouviu falar no burnout materno? É uma realidade em diversas famílias. Esse burnout vem como o colapso da maternidade ideal. Diante dos ideais, muitas vezes impostos pela sociedade como padrão, a mulher percebe que o seu caminhar maternal está sendo bem diferente daquele “padrão” relatado dia após dia e, com isso, entra em colapso, o que atinge a família, o filho e principalmente, ela mesma (mãe).

Mas nomeio de tantas realidades negativas, como algumas mulheres que vivenciam jornadas tão extensas dão a volta por cima e alcançam altos cargos? Muitas encontram no empreendimento essa rota de fuga. Entendendo o quão machista o mercado de trabalho ainda é, mulheres se desafiam em criar os seus próprios empreendimentos para, assim, serem as donas dos seus próprios negócios, liderarem grupos e garantir a diferença no mundo empresarial. Algumas também investem no universo das redes sociais, compartilhando os seus dons com milhões de pessoas e fazendo disso um meio de renda mensal.

***Gostaríamos de fechar toda essa reflexão com um ar de esperança, e nada melhor do que homenagearmos mulheres brasileiras, dos mais variados nichos profissionalizantes, que tanto nos inspiram diariamente, desde suas histórias de vida até as mudanças que propõem à sociedade.***

**MARINA SILVA:** historiadora, professora, ambientalista e atual Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Nos inspira por sua persistência no caminhar, sabendo exatamente aquilo que ela quer alcançar, fazer a diferença.

**TABATA TESSER:** socióloga, mestra em ciência da religião e católica feminista. Nos inspira pela luta diária por direitos das mulheres, principalmente no âmbito religioso.

**LUDMILLA:** cantora, compositora, multi-instrumentista e empresária. Nos inspira por conseguir quebrar diversas barreiras, se inserir em gêneros musicais liderados por homens e, com isso, conseguir abrir espaço para outras mulheres do mercado.

**ÉRIKA HILTON:** 1ª Deputada Federal negra e trans eleita na história do Brasil e por 2 anos foi a presidenta da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo. Nos inspira por sua sede de justiça e por querer fazer a diferença em um ambiente amplamente masculino.

**BIANCA ANDRADE:** atual empresária e influenciadora digital, Bianca nasceu e foi criada em uma comunidade do Rio de Janeiro e, ainda por lá, buscando fazer a diferença em sua área, criou um blog de maquiagens que alcançou um alto patamar, auxiliando num caminhar de alto sucesso, atualmente contando com uma empresa e linhas de maquiagens próprias.

**JOJO TODYNHO:** cantora, apresentadora e empresária, para além do seu lado cômico e às vezes citado como agressivo, Jojo estimula diariamente, por meio de suas redes sociais, mulheres a serem independentes e a se fortalecerem juntas, dando dicas e denunciando atitudes abusivas.

#### Referências:

ANDRADE, J. Mommy Burnout: conheça a síndrome do esgotamento mental materno. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2022/04/4999262-mommy-burnout-conheca-a-sindrome-do-esgotamento-mental-materno.html>>. Acesso em mar. 2024.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Mulheres: Inserção no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/infografico/2023/infograficosMulheres2023.html>>. Acesso em mar. 2024.

G1. Tema da redação do Enem 2023 é 'Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2023/noticia/2023/11/05/tema-da-redacao-do-enem-2023-e-desafios-para-o-enfrentamento-da-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-realizado-pela-mulher-no-brasil.ghtml>>. Acesso em mar. 2024.

# PROPOSTA DE AÇÃO CONCRETA

Dando continuidade às reflexões, trazemos a indicação de uma obra que nos inspira a colocar em ação o que acreditamos: o **livro *Clube da Luta Feminista, de Jessica Bennett***. Nele, a autora apresenta propostas de como resistir às opressões machistas principalmente no ambiente profissional.

Ela conta que sua vivência de clube da luta feminista teve início com mulheres de 20 a 40 anos que partilhavam vivências de suas rotinas de trabalho. Essa experiência nos faz perceber como as trocas em coletivo são importantes, por isso, além do livro temos indicações de propostas e ações que já ocorrem em vista de empoderar as mulheres e libertá-las das amarras patriarcais.

Trazemos aqui dois importantes exemplos, sendo o primeiro deles o curso intitulado “**Marida de Aluguel**”, em que as mulheres têm oportunidade de aprender a desenvolver tarefas que normalmente são atribuídas aos homens, com o intuito de torná-las mais independentes. São atividades como manuseio de ferramentas como furadeiras, manutenção de eletrodomésticos, montagem de móveis e afins. Essa proposta ocorre no Rio de Janeiro e serve de inspiração para as outras regiões do Brasil.

O segundo exemplo de iniciativa são grupos terapêuticos como os proporcionados pelo “**Terapretas**”, que realizam atendimentos em grupos focais de homens, mulheres, adolescentes, embasando o atendimento nas demandas de cada grupo social. Para participar basta seguir a página do Instagram e acessar o link disposto na biografia.

## Referências:

ANDRADE, N. 'Esposas de aluguel' e 'personal organizers': elas dão um jeito na vida de gente bagunceira ou sem tempo e chegam a faturar R\$ 25 mil ao mês. Disponível em: <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/emprego/esposas-de-aluguel-personal-organizers-elas-dao-um-jeito-na-vida-de-gente-bagunceira-ou-sem-tempo-chegam-faturar-25-mil-ao-mes-2653244.html#>>. Acesso em mar. 2024.

FUNDAÇÃO MUDES. Cursos de capacitação gratuitos: Casas da Mulher Carioca. Disponível em: <<https://mudes.org.br/estudante/cursos-de-capacitacao-gratuitos-casas-da-mulher-carioca/>>. Acesso em mar. 2024.

G1. Empresária cria cursos para ensinar mulheres a fazer reparos dentro de casa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/pme/pequenas-empresas-grandes-negocios/noticia/2019/06/16/empresaria-cria-cursos-para-ensinar-mulheres-a-fazer-reparos-dentro-de-casa.ghtml>>. Acesso em mar. 2024.

INSTAGRAM. Marida de Aluguel. Disponível em: <<https://www.instagram.com/maridadealuguelrj/>>. Acesso em mar. 2024.

INSTAGRAM. Psicopretas Terapias Naturais. Disponível em: <<https://www.instagram.com/terapretas/>>. Acesso em mar. 2024.



# MULHERES E JUSTIÇA CLIMÁTICA

**(RE)EXISTÊNCIAS  
E RESISTÊNCIAS**



"PELA VIDA DE TODAS  
AS MULHERES"





# **MULHERES E JUSTIÇA CLIMÁTICA: O GRITO DA NATUREZA É A RESISTÊNCIA DE UMA MULHER QUE NÃO SE CALA!**

*Por Danniela Alves Rodrigues, Emiliana Pacheco Monteiro  
e Fernanda Campos Nazaré*

As mulheres, na construção desta sociedade que discrimina, exclui e segrega, travam uma luta de resistência histórica, luta de reconhecimento de ser mulher e de ocupar todos os lugares da sociedade dos quais ela considera serem pertinentes para sua formação pessoal, profissional e social.

Assim como em diversos espaços e esferas sociais, na temática de Justiça Climática as mulheres encontram entraves que limitam sua voz nos ambientes de discussão e protagonismo social.

A vulnerabilidade de mulheres e meninas acerca dos desafios sociais inerentes a esta sociedade se pauta, principalmente, na falta de oportunidades de acesso e na limitação de recursos, além da ausência de representatividade nos espaços políticos.

E para nos debater este tema, é importante tornarmos consciência acerca do que é Justiça Climática. A justiça climática é o conceito adotado pelos movimentos socioambientais, muitos deles liderados por jovens ao redor do globo, para expressar a ideia de que a crise climática vai além do simples aquecimento global e das mudanças no clima, não sendo meramente um fenômeno físico e natural.

Este termo ficou conhecido como movimento global que busca uma distribuição mais equitativa de investimentos e responsabilidades no enfrentamento da crise climática. Trata-se de uma demanda para que as soluções para tal crise considerem as questões de justiça social, reconhecendo que a raiz do problema reside nas desigualdades socioeconômicas, as quais afetam de maneira desigual tanto as pessoas quanto os países, de acordo com seus recursos e níveis de vulnerabilidade.

A compreensão do meio ambiente e suas relações com o ser humano possibilita o entendimento de diversos acontecimentos climáticos e como tais eventos atingem a sociedade de modos diferentes, causando impactos de enormes proporções, principalmente em lugares onde a desigualdade social e a pobreza são intensas.

***E qual a relação da mulher com a justiça ambiental e climática? Por que este debate se faz necessário para buscar soluções eficientes para as questões climáticas?***

A resposta para este questionamento se pauta no reconhecimento das lutas históricas que as mulheres enfrentam há séculos e nos diversos âmbitos, pois a luta das mulheres está relacionada ao combate das desigualdades e por soluções que incluam a todas e todos.

## **RECONHECIMENTO: DIREITOS, TRABALHO E CULTURA FEMININA**

O reconhecimento da mulher enquanto ser social que dispõe de capacidade física e intelectual para planejar, administrar e executar políticas e ações em prol de melhores condições de vida para aquelas e aqueles que sofrem com as diversas assimetrias que colocam boa parte da sociedade em situação de pobreza e desproteção social é um caminho que vem sendo construído, por vezes a passos largos e lentos, mas que muito se percorreu, no entanto, ainda há um longo percurso a ser feito para a efetivação do reconhecimento da mulher na sociedade.

O papel que a mulher exerce na sociedade é amplo e complexo, com desafios que ultrapassam os níveis do trabalho e da vida profissional. Historicamente, a mulher foi vista como objeto, que estava a serviço do homem, dos cuidados domésticos e da educação dos filhos, no qual lhe era limitado e/ou negado o direito à educação, à cultura, ao lazer e a ter uma vida profissional de reconhecimento e remuneração pelo serviço prestado.

## **O IMPACTO SOCIAL DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

É indispensável neste debate compreender que, para além das sequelas ambientais, as mudanças climáticas interferem direta e indiretamente na realidade social, uma vez que se sabe que os maiores responsáveis pela crise climática são os países desenvolvidos, através dos altos níveis de emissão de carbono e outras substâncias que agredem o meio ambiente e provocam mudanças significativas na saúde, alimentação e poluição do ambiente socioambiental.

Segundo dados da COP 27, realizada no Egito, em 2022, os efeitos da crise climática causam impactos mais expressivos nos países em desenvolvimento, de modo especial, os países da América Latina e do continente Africano. Dados do site Iberdrola apontam 10 países com o maior nível de vulnerabilidade às mudanças climáticas, grande parte desses países vivenciam guerras e crises sociais e humanitárias, das quais as mulheres são afetadas severamente com a violação de direitos básicos e essenciais para a dignidade humana.

Estes dados são apenas um exemplo dentre as tantas assimetrias que a crise climática tem provocado nos diversos aspectos da vida em sociedade. E esta realidade afeta a vida das mulheres de maneira desafiadora, é nesta prerrogativa que a ONU Mulheres Brasil declara que a mudança climática irá empurrar cerca de 158 milhões de mulheres e meninas para a pobreza até 2050, pois irá acarretar um aumento dos conflitos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais.

*“Se levarmos a sério o enfrentamento da crise climática, precisamos começar a ouvir e sentir a dor daqueles que sofrem as consequências já hoje” (Elizabeth Wathuti, ativista ambiental e climática queniana).*

## **REPRESENTATIVIDADE FEMININA NOS ESPAÇOS DE DEBATE DE JUSTIÇA CLIMÁTICA**

Ao olharmos para a história da constituição nas sociedades atuais, nos deparamos com o silenciamento das mulheres, a violação de seus direitos e a exclusão destas dos diversos campos de debates. A luta das mulheres para ocupar espaços é histórica e contínua. Hoje, muitas mulheres desfrutam do poder na tomada de decisões importantes para a sociedade, no entanto, reconhecemos que existe um longo caminho a ser trilhado para chegarmos ao ideal de uma sociedade justa e de igualdade, seja na área econômica, social ou de gênero.

No final de 2023, em conferência climática da ONU, na COP 28 em Dubai, foi lançado um relatório da ONU Mulheres intitulado de “Feminist Climate Justice: Um modelo para ação”, que traz dados pertinentes do impacto climático para as mulheres, não somente pelo pouco de espaço que elas têm para exercer seu protagonismo social, mas também pelo efeito que o impacto climático tem causado na sociedade, acarretando o aumento das desigualdades sociais e o avanço da pobreza para aqueles que já se encontram em níveis alarmantes de vulnerabilidades e desproteção social, entre os quais as mulheres têm sido as mais afetadas.

Ainda segundo dados da ONU Mulheres Brasil, as mulheres não têm representatividade significativa nos ministérios de proteção ambiental no espaço nacional. A participação de mulheres nas delegações nacionais teve aumento para 35% até 2022, no entanto, houve diminuição no percentual de delegações lideradas por mulheres para as conferências climáticas COP da ONU.

Na reunião do G20 em 2023, foi criado o Grupo de Trabalho pelo Empoderamento de Mulheres. Dentre as diversas pautas a serem debatidas pelo GT estão a desigualdade salarial de gênero e as

diversas formas de violência. Além disso, o debate acerca da justiça climática também foi listado nas atividades do GT.

Em janeiro de 2024, ministrado e apresentado pela Ministra das Mulheres, Cida Guimarães, e a socióloga Rosângela da Silva, que também é a atual primeira-dama do Brasil, o GT se reuniu por videoconferência para divulgar o plano de trabalho proposto para nortear as estratégias de ação no trabalho por igualdade de gênero e equidade social, garantindo o protagonismo feminino e dando voz a tantas mulheres que resistem aos mais diversos tipos de violações de seus direitos.

## **A RESISTÊNCIA DE MULHERES NOS ESPAÇOS DE JUSTIÇA CLIMÁTICA**

De acordo com a ONU, estudos mostram repetidas vezes que as mulheres e meninas em situação de vulnerabilidade sofreram o maior impacto pelas mudanças climáticas e da perda de biodiversidade e poluição devido à sua idade, ascendência, etnia, raça, classe econômica e social, origem indígena, identidade de gênero, orientação sexual, status de imigração e deficiências.

Para começar a enfrentar esta crise socioambiental, será necessário realizar uma abordagem sensível ao gênero e baseada nos direitos humanos, que interpele as causas profundas da desigualdade, discriminação e marginalização, deixando espaço para as contribuições relevantes de todas as mulheres e pessoas com identidades de gênero diversas, afrodescendentes, indígenas, mulheres negras, mulheres migrantes, jovens e meninas, bem como mulheres com deficiência. Por isso, a mudança climática é uma crise de direitos humanos que exige uma resposta feminista.

As alterações climáticas já tiveram diversos impactos no meio ambiente e na vida das populações, especialmente nas mulheres e meninas dos países mais pobres. Diariamente, elas enfrentam as consequências das mudanças climáticas e têm buscado soluções para restaurar seus territórios, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades.

Torna-se cada vez mais necessário investir na participação das mulheres na vanguarda da luta contra as mudanças climáticas, pois isso significa investir na justiça climática e na reparação das desigualdades, já que as populações mais vulneráveis, especialmente mulheres e meninas, são as mais afetadas pelas mudanças climáticas no Brasil, uma vez que estas representam acerca de 51,1% da população do Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda há um longo caminho a percorrer, visto que a COP 27, sob o prisma das mulheres, registrou pequenos avanços seguidos

por muitos obstáculos. Incluir gênero e raça, considerando suas interseccionalidades, torna-se não apenas necessário, mas imprescindível, uma vez que estes grupos são os mais afetados e porque a preservação ambiental está intrinsecamente ligada aos Direitos Humanos. Aqueles em situação de maior vulnerabilidade já possuem diversas soluções e merecem ser incluídos nelas.

Dessa forma, mesmo com os obstáculos, já pudemos perceber um caminho trilhado e mesmo com a pouca representatividade de mulheres em cargos de decisão, as mulheres em todos os espaços conseguem fazer mudanças estruturais e, quando se estendem ao espaço climático, precisam ser ousadas em seu engajamento e poder. Líderes mulheres são particularmente boas nisso por não terem outra opção para sua forma de ação.

## MULHERES COM VOZ ATIVA NO DEBATE CLIMÁTICA E SOCIOAMBIENTAL

**JAHZARAONÁ:** Ativista socioambiental, estudante de geociências, membro da Ambipar Group e representante do "Fridays For Future", movimento criado por Greta Thunberg.

**MIKAELLE FARIAS:** Ativista Climática, estudante de Engenharia de Energias Renováveis, representante da secretaria Geral da ONU no combate à desinformação sobre clima.

**TAINÁ DE PAULA:** Secretária do Meio Ambiente e Clima do Rio de Janeiro, membro da Comissão de Gênero do CAU-RJ, Coordenadora Regional do Projeto Brasil Cidades e Conselheira do Centro de Defesa e Direitos Humanos Fundação Bento Rubião e da ONG Rede Nami.

**SONIA GUAJAJARA:** Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, tem sua luta histórica pelos direitos dos povos originários e pelo meio ambiente. Tem reconhecimento internacional na defesa dos direitos dos povos indígenas, seus territórios e causas socioambientais.

**MARINA HELOU:** Deputada estadual pela Rede Sustentabilidade em São Paulo, fez parte da Bancada Ativista do Movimento Acredito e co-fundou a organização Vote Nelas, em prol da participação de mais mulheres na política. É membro da RAPS e do Renova BR.

### Referências:

AGÊNCIA BRASIL. O Brasil lidera a reunião do Grupo de Trabalho das mulheres no G20. Países debatem temas prioritários no plano de trabalho para 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/brasil-lidera-reuniao-do-grupo-de-trabalho-de-mulheres-no-g20>> Acesso em 06 mar. 2024.

ALVES, J. E. D. A crise climática agrava a crise alimentar. EcoDebate. 2024. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2024/03/04/a-crise-climatica-agrava-a-crise-alimentar/>>. Acesso em 06 mar. 2024.

BRASIL ESCOLA. G20 - Grupo dos 20. Disponível em: <<https://brasile scola.uol.com.br/geografia/g-20-paises-desenvolvimento.htm>>. Acesso em 06 mar. 2024.

CNN BRASIL. Igualdade de gênero, fim da violência e justiça climática são foco do Brasil em Grupo de Trabalho de mulheres do G20. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/igualdade-de-genero-fim-da-violencia-e-justica-climatica-sao-foco-do-brasil-em-grupo-de-trabalho-de-mulheres-do-g20/>>. Acesso em 06 mar. 2024.

FERTUZINHOS, S. Fundamentos Constitucionais da Igualdade de Gênero. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº Especial. 2016, pp. 49-70. DOI:10.7458/SPP2016NE10350.

MARY ROBINSON FOUNDATION - Climate Justice. Women's ParticiPation An Enabler of Climate Justice First edition: November 2015. Disponível em: <[https://www.mrfcj.org/wp-content/uploads/2015/11/MRFCJ-Womens-Participation-An-Enabler-of-Climate-Justice\\_2015.pdf](https://www.mrfcj.org/wp-content/uploads/2015/11/MRFCJ-Womens-Participation-An-Enabler-of-Climate-Justice_2015.pdf)>. Acesso em 06 mar. 2024.

MATOS, P. A.; GARCIA, G. A. F.; SANTOS, M. A. dos. O papel do gênero na mitigação e adaptação às mudanças climáticas em Cabo Verde. Veredas Do Direito, 20, e202536. Disponível em: <<https://doi.org/10.18623/rvd.v20.2536>>. Acesso em 06 mar. 2024.

MEDEIROS, R. Justiça Climática. Governo de São Paulo. Disponível em: <<https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/justica-climatica/>>. Acesso em 06 mar. 2024.

ONU MULHERES. Enquanto as mudanças climáticas empurram milhões de mulheres para a pobreza, a ONU Mulheres pede uma nova abordagem feminista de justiça climática. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/noticias/enquanto-as-mudancas-climaticas-empurram-milhoes-de-mulheres-para-a-pobreza-a-onu-mulheres-pede-uma-nova-abordagem-feminista-de-justica-climatica/#:~:text=A%20ONU%20Mulheres%20est%C3%A1%20pedindo,um%20planeta%20saud%C3%A1vel%20e%20sustent%C3%A1vel.%E2%80%9D>>. Acesso em 06 mar. 2024.

STABILE, A. Justiça climática: o que é e por que se preocupar? Nós, mulheres da periferia. 2023. Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/justica-climatica-o-que-e-e-por-que-se-preocupar/>>. Acesso em 06 mar. 2024.

# PROPOSTA DE AÇÃO CONCRETA

## INFORMAR PARA TRANSFORMAR

Indicações de iniciativas ambientais:


**ENGAJAMUNDO:** O Engajamundo é uma organização de liderança jovem e feita para jovens. Acreditamos na importância da atuação da juventude para enfrentar os maiores problemas ambientais e sociais do Brasil e do mundo!

**PALMARES LAB:** Palmares Laboratório-Ação: as vozes da periferia na Amazônia. Inspiração, sociedade, sustentabilidade, tecnologia e economia digital. Do Zumbi, em Manaus, a Palmares Laboratório-Ação representa as demandas das juventudes periféricas amazônicas.

**MÃES DO MANGUE:** Mães do Mangue é uma rede de mulheres extrativistas que têm nos manguezais suas raízes e fazem das margens do rio um epicentro de criação, cuidado e vida para as gerações futuras.

## MANEIRAS DE MELHORAR A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA TEMÁTICA SOBRE JUSTIÇA CLIMÁTICA:

- Escutar as mulheres: Incluí-las na tomada de decisões é primordial para assegurar que elas tenham representação significativa em todos os processos de decisão ligados às mudanças climáticas, desde a formulação de políticas públicas até a execução de iniciativas de redução e adaptação.
- Oferecer acesso a recursos e tecnologias é essencial. Assegurar que elas tenham igualdade de acesso a esses recursos é vital para aumentar sua capacidade de lidar com os impactos das mudanças climáticas.
- Reforçar as habilidades e conhecimentos das mulheres é crucial, uma vez que muitas vezes elas detêm conhecimentos valiosos sobre a gestão de recursos naturais, porém não são devidamente reconhecidas.
- Abordar a disparidade de gênero é crucial para assegurar que as mulheres tenham a oportunidade de participar plenamente das soluções climáticas.
- Oportunizar a participação feminina em movimentos e associações ligados ao clima: torna-se essencial encorajar as mulheres a se engajarem em organizações climáticas e movimentos, oportunizando para que contribuam ativamente para a elaboração de soluções climáticas, compartilhando seu conhecimento e perspectivas singulares.



**(RE)EXISTÊNCIAS  
E RESISTÊNCIAS**



# **POLÍTICA,** **UM SUBSTANTIVO FEMININO**





# POLÍTICA, UM SUBSTANTIVO FEMININO

Por Lorena Barcelos e Mayara Fonseca

**Você sabe o que é “Política”?** Em uma pesquisa rápida, é provável que você encontre os seguintes significados: *Po-lí-ti-ca*: substantivo comum feminino. <sup>1</sup> Ciência do governo das nações. <sup>2</sup> Arte de regular as relações de um Estado com os outros Estados. <sup>3</sup> Sistema particular de um governo. <sup>4</sup> Modo de governar ou de dirigir a administração ou o poder, a nível central ou local.

É através dessa atividade que os gestores planejam e executam a administração do patrimônio coletivo para promover o bem de toda a sociedade, independentemente de gênero, sexo ou raça. Esse é o ideal, porém, ao fazer um recorte histórico, conseguimos observar que na prática não é bem assim. O silenciamento e a invisibilidade atravessam/ram muitas camadas, entre elas o feminino. A configuração social impôs lugares determinados para a ocupação desse gênero. Nesse sentido, ser uma mulher consciente de si é um ato político.

Mas política não é só isso, política é também o substantivo feminino de político (o candidato a cargo eletivo). E por falar nisso, você sabe desde quando as mulheres têm o direito de votar e de serem votadas?

## SUFRÁGIO FEMININO

**Sufrágio:** substantivo masculino

<sup>1</sup> Voto em uma eleição. <sup>2</sup> Processo de escolha por votação; eleição.

O sufrágio feminino no mundo teve início entre meados do século XIX e XX na Europa e se deu pela prerrogativa sexista da política que acreditava que as “mulheres eram incapazes de entender assuntos complexos”. Difícil de acreditar né, mana?

Mas então, com muita luta das mulheres ao redor do mundo, através da luta incansável da feminista neozelandeza Kate Sheppard, a Nova Zelândia se tornou o primeiro país democrático a reconhecer o direito do voto feminino em 1893. A partir daí, outras mulheres se reuniram ainda mais para reivindicar em seus países o direito ao sufrágio.

No Brasil, de acordo com o TRE-MG, as primeiras movimentações de que se tem notícia acerca da emancipação feminina são datadas de 1832, sendo inspiradas pelos ideais franceses. Foi quando a educadora potiguar Nísia Floresta escreveu o livro: “Direito das mulheres e injustiça dos homens”. O Rio Grande do Norte foi o 1º estado a

reconhecer o direito ao voto em 1927, a primeira mulher eleitora do país estava lá, e era Celina Guimarães, somado a isso, nas primeiras eleições seguintes a esse reconhecimento, em 1928, Alzira Soriano se tornou a 1ª prefeita do Brasil e da América Latina. E só depois, em 24 de fevereiro de 1932, o Governo Provisório edita o Decreto nº 21.076 (Código Eleitoral). Nele, mulheres alfabetizadas, com idade superior a 21 anos, sem restrição quanto ao estado civil, podem alistar-se como eleitoras. O decreto também institui a Justiça Eleitoral.

É certo que esse movimento no Brasil teve início com as mulheres de classes mais abastadas que tinham a oportunidade de frequentar escolas e fazer o ensino superior, as quais algumas produziram livros, peças teatrais e até fundaram jornais. Mas sabemos hoje que há espaço para todos, independente da área de atuação, e que deve haver, por direito nosso, espaço na política, tanto para votar, quanto para ser votada. O sufrágio não foi concedido “de mão beijada” às mulheres, houve muita luta e constantemente elas eram ridicularizadas, tinham sua moral colocada em dúvida, além de terem que lidar com a ideia machista de que “a mulher era intelectualmente inferior ao homem e incapaz para assuntos públicos”, sem contar o medo de alguns homens e mulheres de que, se o direito ao voto fosse concebido a elas, a família seria ceifada e elas tomariam os cargos dos homens.

## **VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO**

Assim, embora o Brasil tenha sido o 4º país do mundo a reconhecer o sufrágio feminino, as mulheres ainda hoje são minoria nas esferas de poder. Para exemplificar, confira abaixo alguns dados retirados do TSE Mulheres, portal da Justiça Eleitoral que contabiliza a participação feminina na política:

- As mulheres representam 52% do eleitorado, mas ocupam somente 15% dos cargos eletivos em geral;
- Das 27 unidades federativas, temos apenas 2 mulheres eleitas governadora - nos estados: Rio Grande do Norte e Pernambuco - em porcentagem isso significa em torno de apenas 7%.
- Na perspectiva parlamentar, o Brasil ocupa a posição 154ª de representação feminina em um ranking mundial composto por 193 países, quando a média mundial é de 25,7%, tendo apenas 17,5% das cadeiras ocupadas por mulheres no Congresso Nacional.
- No Senado Federal, 16% das cadeiras são ocupadas por mulheres, Câmara de Deputados 17,7%, quando damos um zoom observamos que apenas 2% são mulheres negras;
- A nível de municípios, apenas 12% dos 5.568 têm prefeitas em exercício.

Agora você pode estar se perguntando: Qual o motivo para tamanha disparidade? Se aprofundarmos a questão, veremos que um dos principais é a violência sofrida pelas mulheres no espaço político. De acordo com a União Parlamentar Internacional (IPU), 82% das parlamentares brasileiras já sofreram algum tipo de violência política. Esse modelo de violência se caracteriza como toda ação, conduta ou omissão com a finalidade de impedir, obstaculizar ou restringir os direitos políticos da mulher. Constituem igualmente atos de violência política contra a mulher qualquer distinção, exclusão ou restrição no reconhecimento, gozo ou exercício de seus direitos e de suas liberdades políticas fundamentais, em virtude do sexo, conforme a Lei 14.192/2021. Assim, os direitos políticos são entendidos de forma ampla, por exemplo: o exercício de mandatos eletivos democraticamente conquistados, o exercício de ativismo e militância, a participação em partidos, associações e manifestações, entre outros.

***A seguir um quadro com o resumo das violências políticas de gênero mais recorrentes:***

### ***Física***

***Corporal*** (espancamento, lesões, sequestro, assassinato, etc.)

***Sexual*** (assédio, estupro, importunação sexual, etc.)

### ***Não Física***

***Simbólica*** (uso de linguagem excludente, objetificação, ausência de assento próprio no Parlamento, etc.)

***Moral*** (calúnia, difamação, discurso de ódio, injúria, fakenews, etc.)

***Econômica*** (recusa de acesso a recursos, ausência de investimentos na campanha, danos materiais, etc.)

***Psicológica*** (intimidação, manipulação, chantagem, desmerecimento, ameaça contra vítima ou familiar, isolamento social forçado, etc.)

***Então como combater esse fenômeno? Existem vários canais de denúncia, confira a seguir alguns:***

- Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH) pelo número 180, a Central de Atendimento à Mulher;
- Pelo aplicativo Direitos Humanos BR (<https://www.gov.br/mdh/pt-br/apps>);
- Através do site da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/>);
- Pelo Ministério Público de cada estado: (<http://www.mpf.mp.br/pge/servicos-ao-cidadao>);

- Formulário do MPF no site do TSE (<https://www.tse.jus.br/eleitor/denuncias/canal-de-denuncias-para-violencia-politica-de-genero>);
- Formulário do MPF (<https://aplicativos.mpf.mp.br/ouvidoria/app/cidadao/manifestacao/cadastro/2>);
- Formulário da Ouvidoria do Conselho Nacional do Ministério Público: (<https://sistemaouvidoriacidada.cnmp.mp.br/siscidadao/app/cidadao/manifestacao/cadastro/1>);
- Formulário da Ouvidoria Nacional da Mulher do Conselho Nacional de Justiça (<https://ouvidoria-form.cloud.cnj.jus.br/ouvidoriaFormularioWeb/index.jsf?canalAtendimento=D>);
- E-mail da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados ([denuncias.secretariadamulher@camara.leg.br](mailto:denuncias.secretariadamulher@camara.leg.br)).

Mesmo que você não tenha presenciado nem seja vítima de um ato violência política contra as mulheres, lembre-se que é através do comprometimento, engajamento e participação coletiva que podemos combater a violência e promover cidadania e dignidade para todas as camadas da sociedade.

#### Referências:

ANDREASSA, L. O que é Política? Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-e-politica/>>. Acesso em mar. 2024.

ARNT, A. Mulher: um ato político. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/pemcie/2018/03/15/mulher-um-ato-politico/>>. Acesso em mar. 2024.

BEZERRA, J. O que é Política? Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-politica/>>. Acesso em mar. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

DICIONÁRIO PRIBERAM. Política. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/pol%C3%ADtica>>. Acesso em mar. 2024.

FRAGA, S. 82% das mulheres parlamentares já sofreram violência psicológica. Disponível em: <<https://edicaodobrasil.com.br/2022/10/28/82-das-mulheres-parlamentares-ja-sofreram-violencia-psicologica/>>. Acesso em mar. 2024.

GRUNEICH, D; CORDEIRO, I. O que é violência política contra a mulher? Disponível em: <[https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/41045/violencia\\_politica\\_mulher.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/41045/violencia_politica_mulher.pdf?sequence=5&isAllowed=y)>. Acesso em mar. 2024.

INTERNETLAB. Mulheres na política: Guia para o enfrentamento da violência política de gênero. Disponível em: <[https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/05/guia\\_mulheres\\_politica\\_16052022.pdf](https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/05/guia_mulheres_politica_16052022.pdf)>. Acesso em mar. 2024.

PORFÍRIO, F. Movimento sufragista. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/amp/politica/sufragio-feminino.htm>>. Acesso em mar. 2024.

RIBEIRO, S. D.; SOBRAL, M. B. R. V. O movimento sufragista feminino no Brasil. Disponível em: <<https://www.tre-mg.jus.br/institucional/memoria-eleitoral/90-anos-da-justica-eleitoral/o-movimento-sufragista-feminino-no-brasil#:~:text=O%20primeiro%20movimento%20pela%20emancipa%C3%A7%C3%A3o,mulheres%20e%20injusti%C3%A7a%20dos%20homens%E2%80%9D.>>>. Acesso em mar. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Professora Celina Guimarães Vianna, primeira eleitora do Brasil. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/imagens/fotos/professora-celina-guimaraes-vianna-primeira-eleitora-do-brasil>>. Acesso em mar. 2024.

WANDERLEY, A. C. T. Série "Feministas, graças a Deus!" XIV - No Dia Internacional da Mulher, Alzira Soriano, a primeira prefeita do Brasil e da América Latina. Disponível em: <[https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=31474#:~:text=Foi%20no%20Rio%20Grande%20de,2%20de%20outubro%20de%201928\).](https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=31474#:~:text=Foi%20no%20Rio%20Grande%20de,2%20de%20outubro%20de%201928).>)>. Acesso em mar. 2024.

# PROPOSTA DE AÇÃO CONCRETA

## DAR A CONHECER INSTITUIÇÕES QUE APOIAM MULHERES NA POLÍTICA:

Dando continuidade à temática, deixamos como dica o *livro Voto Feminino no Brasil, de Teresa Cristina de Novaes Marques*, disponível gratuitamente na versão ebook na Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. A obra apresenta um panorama geral da história do voto feminino no Brasil de acordo com fatos históricos. (Informação interessante: as edições da Câmara dos Deputados e do Senado Federal possuem amplo acervo de obras digitais gratuitas e físicas, estas com cobrança apenas do custo de impressão e frete).

Trazemos também algumas iniciativas que apoiam e buscam impulsionar a promoção de candidaturas femininas:

**ELAS NO PODER** ([elasnopoder.org](http://elasnopoder.org)), o projeto tem o objetivo de incentivar mulheres a se candidatarem a cargos eletivos no Brasil, por meio de capacitação técnica;

**INSTITUTO ALZIRAS** ([alziras.org.br](http://alziras.org.br)): uma organização que busca ampliar e fortalecer a participação de mulheres em sua diversidade na política brasileira;

**VOTE NELAS** (@votenas) é um projeto suprapartidário que fornece suporte na divulgação de candidaturas femininas;

**MULHERES NEGRAS DECIDEM** ([mulheresnegrasdecidem.org](http://mulheresnegrasdecidem.org)): a campanha Mulheres Negras Decidem, da rede Umunna, promove a maior participação de negras no poder;

**GRUPOMULHERES DO BRASIL** criou a plataforma APPartidárias para projetar mulheres candidatas e coibir boicote de partidos;

**GIRLUP BRASIL** através do Projeto 'Você Ainda Vai Votar Nelas' treina, impulsiona e promove candidatura de meninas em 2024.

### Referências:

BERTHO, H. Seis iniciativas que estão ajudando a eleger mais mulheres em 2018. Disponível em: <<https://fopir.org.br/seis-iniciativas-que-estao-ajudando-eleger-mais-mulheres-em-2018/2331>>. Acesso em mar. 2024.

GRUPOMULHERES DO BRASIL. Appartidárias: Iniciativa projeta mulheres candidatas e coíbe boicote de partidos. Disponível em: <<https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/projetos/apartidarias/>>. Acesso em mar. 2024.

INSTITUTO ALZIRAS. O Instituto. Disponível em: <<https://www.alziras.org.br/instituto>>. Acesso em mar. 2024.

MARTINELLI, A. Projeto treina, impulsiona e promove candidatura de meninas em 2024. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/sociedade/projeto-quer-impulsionar-candidatura-jovens-mulheres-nas-eleicoes-de-2024/>>. Acesso em mar. 2024.

# MULHERES E IGREJA

(RE)EXISTÊNCIAS  
E RESISTÊNCIAS



"PELA VIDA DE TODAS  
AS MULHERES"



# MULHERES NOS ESPAÇOS ECLESIAIS: O ANÚNCIO DA RESSURREIÇÃO TEM A VOZ DE UMA MULHER

*Por Larissa Barreiros Gomes, Daiane Zito e Izabella Ribeiro*

## UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA IGREJA

O cristianismo histórico enfrentou desafios ao tentar compreender o comportamento de Jesus em relação às mulheres desde os primórdios. Embora os evangelhos expressem admiração por algumas mulheres, também mostram uma estranheza subjacente. Os próprios apóstolos, incluindo Pedro, não compreendiam totalmente a maneira como Jesus tratava as mulheres. Essas dificuldades contribuíram para uma memória distorcida do papel das mulheres na tradição cristã.

Esse estigma, somado a uma tradição histórica patriarcal e enraizada no machismo, reflete um padrão de desvalorização das mulheres na cultura cristã e em muitas outras culturas. Jesus, ao valorizar o afeto e o perfume de uma mulher, desafiava as normas culturais da época e defendia a preservação da memória da ternura feminina. No entanto, essa visão sempre enfrentou resistência dentro do cristianismo e em outras culturas.

O século XX testemunhou um despertar da mulher, rompendo séculos de silêncio e submissão. Na década de 1940, os primeiros indícios sutis de mudança surgiram no universo feminino, refletidos na diminuição da frequência à missa dominical. Apesar disso, poucos reconheceram esse fenômeno, atribuindo a queda na participação religiosa a outros fatores, como a secularização.

O surgimento da pílula anticoncepcional oral na década de 1960 foi um marco importante. Permitiu às mulheres controlar sua fertilidade e buscar uma vida mais autônoma e equilibrada. Essa revolução silenciosa na esfera privada teve implicações profundas na sociedade, permitindo que as mulheres participassem mais ativamente no mercado de trabalho e reconfigurando as relações de gênero e trabalho.

Um recente relatório sobre a participação das mulheres na Igreja Católica destaca a disparidade entre sua representação na liturgia e sua presença nos cargos de decisão e governança. Apesar de serem maioria nos participantes das atividades da Igreja, as mulheres ocupam poucos papéis de liderança e têm suas contribuições

subvalorizadas. Embora a ordenação de mulheres aos sacerdotes tenha sido descartada pelo Papa Francisco, reflexões recentes destacam a importância de valorizar a contribuição das mulheres para a Igreja. Organizações como a União Internacional das Superiores Gerais denunciaram o sexismo na Igreja e a desvalorização das religiosas.

O Papa Francisco tem se destacado por seus discursos favoráveis às mulheres, tanto na Igreja quanto na sociedade. Ele enfatiza o papel essencial das mulheres na fé, citando exemplos como as primeiras testemunhas da ressurreição e figuras femininas que influenciaram sua própria jornada espiritual. O Papa defende uma teologia mais profunda da mulher na Igreja e condena a exploração das mulheres, destacando a diferença entre serviço e servidão. Francisco aponta a necessidade de oferecer mais espaços e responsabilidades às mulheres na Igreja e na sociedade, promovendo sua participação plena em todas as esferas da vida. Ele critica a mercantilização do corpo feminino e a subordinação das mulheres, chamando a atenção para a importância da reciprocidade e da igualdade de gênero. Além disso, o Papa destaca o papel das mulheres como portadoras de harmonia, citando a transmissão da fé e a figura de Maria como exemplos. Ele elogia a contribuição das mulheres para a alegria e a beleza do mundo, ressaltando a importância da ternura que elas trazem para as relações humanas.

## **AS MULHERES NA HISTÓRIA DE JESUS**

Jesus demonstrou um profundo respeito e interesse pelo bem-estar das mulheres durante sua vida pública, nunca as menosprezando ou ridicularizando. Ele curou, exorcizou, perdoou e restaurou as mulheres, mostrando uma preocupação especial pelas mais necessitadas.

Sua mensagem e prática incluíam as mulheres em igualdade com os homens, desafiando as injustiças sociais e oferecendo uma visão do Reino de Deus onde todos são valorizados igualmente. Suas parábolas e ensinamentos também honravam as mulheres, reconhecendo suas realidades humanas como dignas e significativas.

Além disso, as mulheres desempenharam um papel ativo em seu ministério, acompanhando-o, apoiando-o e permanecendo fiéis durante sua crucificação e ressurreição. A crucificação de Jesus é vista por algumas teólogas feministas como uma crítica ao patriarcado, mostrando o poder do amor abnegado em oposição ao domínio masculino.

No contexto da história e da tradição cristã, a inclusão e o respeito de Jesus pelas mulheres têm sido fundamentais para desafiar as estruturas de poder patriarcais e promover a igualdade de gênero.



# EM MEIO A DOR DA CRUZ, JESUS VÊ O OLHAR DE UMA MULHER

*“Diante da Cruz de Jesus, permaneceram sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena.” (João 19, 25)*

Na trajetória e missão de Jesus, encontramos duas formas de paixão: a primeira é a paixão pela vida, pelo Reino, pelo compromisso com os mais desfavorecidos e excluídos. Essa paixão reflete uma escolha feita por Jesus, mantida fielmente até o fim.

A segunda paixão é a da cruz, imposta pelas autoridades religiosas e civis. Não é uma escolha de Jesus, nem está de acordo com a vontade do Pai. Ela simboliza a violência, o ódio, o fechamento diante da proposta de vida revelada por Jesus.

Nos relatos da Paixão de Jesus, vemos a presença das mulheres que vivem a fidelidade ao seguimento de Jesus desde a Galileia. Enquanto os discípulos fogem, elas permanecem “de pé junto à Cruz”, em solidariedade e compromisso. Sua presença foi um conforto para Jesus no momento trágico de sua vida: ele percebeu que não estava sozinho, pois suas amigas estavam com ele, compartilhando de seu sofrimento.

Os evangelistas falam frequentemente das mulheres; o relato da crucificação revela suas presenças como testemunhas, mediadoras e verdadeiras discípulas. Mateus, Marcos e Lucas indicam que as mulheres “observavam a cena de longe”. João, que tem uma perspectiva interna, as coloca junto à cruz.

Elas estão lá, à nossa frente, em silêncio. É através de seus corpos, gestos, mãos, olhos e silêncio que elas se comunicam. A linguagem delas é a linguagem do relacionamento. Sua capacidade de permanecer nessas circunstâncias mostra seu amor profundo. Elas nos ensinam sobre resistência e fidelidade, sobre uma presença emocionante. Estão juntas, expostas a olhares alheios, como uma comunidade de discípulas em torno de seu Mestre, que agora as ensina, sem palavras, uma sabedoria maior.

Mesmo diante da impotência, elas não se afastam da dor de verem aquele a quem amam sofrer; ao contrário, se expõem ao olhar d'Aquele cujo rosto foi desfigurado.

Essas mulheres nos ensinam que “subir a Jerusalém” é enfrentar o conflito e a rejeição por defender os pobres e os pequenos; é enfrentar a perseguição devido ao compromisso com a vida; é entender que os grãos que caem na terra precisam morrer para germinar e multiplicar a vida.

Neste dia, a presença silenciosa das mulheres junto à Cruz nos ensina a compartilhar o sofrimento, a abrir nossos corações e a

despertar a sensibilidade solidária diante do sofrimento humano. Nos humanizamos quando nos permitimos ser tocados pela compaixão, quando deixamos que ela guie nossas ações e decisões.

## **O ANÚNCIO DA RESSURREIÇÃO TEM A VOZ DE UMA MULHER**

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo que Jesus amava. E disse para eles: “Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram”.

Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao túmulo. Os dois corriam juntos. Mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao túmulo. Inclinando-se, viu os panos de linho no chão, mas não entrou. Então Pedro, que vinha correndo atrás, chegou também e entrou no túmulo. Viu os panos de linho estendidos no chão e o sudário que tinha sido usado para cobrir a cabeça de Jesus. Mas o sudário não estava com os panos de linho no chão; estava enrolado num lugar à parte. Então o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo, entrou também. Ele viu e acreditou. De fato, eles ainda não tinham compreendido a Escritura que diz: “Ele deve ressuscitar dos mortos”. Os discípulos, então, voltaram para casa. (Jo 20, 1-10).

No domingo de Páscoa, celebramos a ressurreição de Jesus, o evento central da fé cristã, simbolizado pelo Círio Pascal que representa a presença do Cristo Ressuscitado. Maria Madalena, ao ir ao túmulo de Jesus no primeiro dia da semana, enfrenta sentimentos de desassossego e inquietude. Embora seja movida pelo amor profundo por Jesus, ela se confronta com a aparente contradição entre sua fé no Messias e a morte de Jesus na cruz.

Ao descobrir que a pedra foi removida do túmulo, Maria Madalena busca imediatamente Pedro e João para compartilhar a notícia. Enquanto Pedro constata apenas a ausência do corpo de Jesus, João, movido pelo amor, acredita na ressurreição ao ver o túmulo vazio. Esses eventos nos convidam a refletir sobre nossa própria atitude diante do mistério da ressurreição, especialmente em meio às dificuldades e desafios que enfrentamos atualmente.

O fato de as mulheres serem as primeiras a testemunhar a ressurreição é considerado um forte argumento para a historicidade dos relatos bíblicos, já que a lei judaica não reconhecia o testemunho de mulheres. Além disso, escritos cristãos antigos destacam o papel de liderança de mulheres como Maria de Madalena nas primeiras comunidades cristãs, refletindo debates sobre o papel das mulheres na igreja primitiva.

O apagamento histórico de Maria Madalena como líder espiritual é contrastado pela sua proeminência nos Evangelhos como uma das principais discípulas de Jesus. Este apagamento começou no Novo Testamento e foi perpetuado ao longo da história da Igreja, relegando-a a um culto quase clandestino. Apesar disso, teólogos e historiadores estão reconstruindo sua imagem e história, buscando corrigir distorções causadas por uma teologia patriarcal.

O gesto do Papa Francisco ao instituir a Festa de Maria Madalena como “apóstola dos apóstolos” foi considerado surpreendente e significativo. Isso levanta questões sobre o papel das mulheres na Igreja hoje e desafia as estruturas que limitam sua participação em posições de liderança. Novas pesquisas estão contribuindo para uma melhor compreensão do significado do termo “Madalena” e seu papel na comunidade de discípulos de Jesus.

A história de Madalena, levada a sério, tem o potencial de provocar uma revolução na Igreja, minando as bases do “não” às mulheres nos mais altos ministérios eclesiais. Embora haja avanços, como a criação de comissões para estudar o diaconato feminino e a nomeação de mulheres para cargos no Vaticano, ainda há resistência significativa dentro da hierarquia da Igreja. Movimentos de base liderados por mulheres continuam a desafiar essas estruturas, seguindo o exemplo de Madalena como a primeira apóstola a proclamar a Ressurreição.

#### Referências:

AZEVEDO, W. F. Maria Madalena: a maior e a primeira entre os apóstolos. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/192-paginas-especiais/611316-maria-madalena-apostola-dos-apostolos#:~:text=Nem%20prostituta%2C%20nem%20esposa%20de,Ap%C3%B3stolos%E2%80%9D%2C%20defende%20Christine%20Schenke>>. Acesso em 17 mar. 2024.

CASAROTTI, A. M. Um amor mais forte que a morte. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/597944-um-amor-mais-forte-que-a-morte>>. Acesso em 15 mar. 2024.

GISOTTI, A.; JOSÉ, S. Francisco e o papel das mulheres na Igreja. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>>. Acesso em 17 mar. 2024.

JOHNSON, E. Jesus e as mulheres: “Vocês estão livres” (II). Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/noticias/531209-jesus-e-as-mulheres-voces-estao-livres-parte-dois>>. Acesso em 15 mar. 2024.

PALAORO, A. As mulheres junto ao Crucificado. Disponível em: <<https://ignatiana.blog/2023/04/06/sso-2023-6/>>. Acesso em 15 mar. 2024.

PALAORO, A. Sexta-feira da Semana Santa: as mulheres junto ao Crucificado. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/627719-sexta-feira-da-semana-santa-as-mulheres-junto-ao-crucificado>>. Acesso em 15 mar. 2024.

# (RE)EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS



"PELA VIDA DE TODAS  
AS MULHERES"

GT da Campanha pela Vida de Todas as Mulheres 2024:

Bruna Matias  
Clara Mabeli  
Clarisse Nascimento  
Daiane Zito  
Danniela Alves  
Emiliana Pacheco  
Izabella Ribeiro  
Joslaynne Meiko  
Larissa Barreiros  
Lorena Barcelos  
Mayara Fonseca

Coordenador da Rede Inaciana de Juventude - MAGIS Brasil:

Pe. Edson Tomé Pacheco Silva, SJ

Identidade visual e diagramação:

Felipe Ribeiro e Fábio Torrezan (Grupo A Rede)